

## **AS REVISTAS ACADÊMICAS DE HISTÓRIA E A PANDEMIA: NOVOS PÚBLICOS E DIVERSOS OBJETOS**

Raquel Silveira Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** As revistas acadêmicas de História são o mote desse artigo que busca compreender de que forma a pandemia da COVID-19 entre 2020 e 2021 impulsionou a presença desses periódicos nas redes sociais digitais. Para tanto, foram analisadas as redes das revistas classificadas como A1 pelo sistema Qualis Capes na área de História através de busca ativa de perfis oficiais no *Facebook* e *Instagram* e posterior análise dos dados quantitativos em programa de tabelas e fórmulas. Mais que apontar dados quantitativos, o artigo busca nuances de uso das redes pelas revistas considerando assim postagens, comentários e links como fontes históricas. Demonstra-se que as revistas vêm usando o potencial das redes para divulgação de suas publicações e construção de novas formas de discussão e diálogo com a comunidade de leitores-autores que congrega. O contexto pandêmico potencializa essa produção através da utilização de ferramentas como os recursos de *live*, da possibilidade de mais tempo e engajamento nas redes, bem como pela oportunidade de se aproximar de um público interessado, mas distante geograficamente. Ressalta-se ainda que a produção das revistas voltada às redes sociais desenvolve formas de comunicação que amplia o público leitor e interessado nas pesquisas acadêmicas de História.

**Palavras-chave:** Redes Sociais Digitais; Pandemia COVID-19; Publicações Acadêmicas.

## **ACADEMIC HISTORY JOURNALS AND THE PANDEMIC: NEW AUDIENCES AND VARIOUS OBJECTS**

**Abstract:** Academic History journals are the motto of this article, which seeks to understand how the COVID-19 pandemic between 2020 and 2021 boosted the presence of these journals on digital social networks. To this end, the networks of magazines classified as A1 by the Qualis Capes system in the area of History were analyzed. More than pointing out quantitative data, the article seeks nuances in the use of networks by magazines, thus considering posts, comments and links as historical sources. What is demonstrated here is that magazines have been using the potential of networks to publicize their

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Contato: raquel.silveira@aluno.ufop.edu.br.

publications and to build new forms of discussion and dialogue with the community of reader-authors that they bring together. The pandemic context enhances this production through the use of tools such as live resources, the possibility of more time and engagement on networks, as well as the opportunity to get closer to an interested audience, but geographically distant. It is also noteworthy that the production of magazines aimed at digital social networks develops forms of communication that expand the readership and interest in academic History research.

**Keywords:** Digital Social Networks; COVID-19 pandemic; Academic Publications.

### **Introdução: uma pandemia em pleno século XXI**

O que está acontecendo em 2020? Quem pode nos explicar? Quem poderia indicar o que nos espera nos próximos meses? O que foi mesmo que nos aconteceu nos últimos dias?

Em 18 de setembro de 2020 em texto publicado pela FioCruz<sup>2</sup> os questionamentos da historiadora Dominichi Miranda de Sá entrelaçavam a perplexidade diante de uma sucessão de acontecimentos em um ano que chocava as perspectivas de presente, passado e futuro. Há ainda intrinsecamente o alerta de que o tempo – pelo menos aquele – não poderia mais ser analisado em grandes intervalos diante da sequência de episódios que atropelara os meses e a própria noção de dias que mais do que um presente amplo, suscitavam um interminável encadeamento de dias iguais.

Segundo a Organização Pan-americana de Saúde<sup>3</sup>, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada em dezembro de 2019 sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Poucos dias depois, 07 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam detectado um novo tipo de coronavírus. Já no final de janeiro (30/01/2020) o surto foi classificado como uma Emergência de Saúde Pública de Importância, o mais

<sup>2</sup> <https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html>. Acesso em 15 jan. 2024. Esse texto e outros tantos foram depois organizados em livro.

<sup>3</sup> <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em 14 jan. 2024.

alto alerta da OMS. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada como uma pandemia, termo que se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade.

Naquele março de 2020 a maioria dos brasileiros desconhecia o conceito de pandemia, afinal a última vez que a Organização Mundial de Saúde havia usado esse termo fora em 2009 quando da pandemia da gripe H1N1 que graças a menor taxa de transmissão do vírus associada a esforços imediatos do governo brasileiro não impactou demasiado no contexto social e econômico do país<sup>4</sup>. No entanto, logo essa palavra junto a conceitos como *lockdown*, isolamento e variante se tornaram rapidamente comuns, como relembra Dominichi de Sá sobre aquele primeiro semestre de 2020:

Houve uma corrida aos mercados em diversos países, para estocamento de alimentos, pois imperativos como “achatamento da curva epidemiológica”, com vistas à preparação dos sistemas de saúde para o recebimento gradativo de pacientes graves, “isolamento social”, “distanciamento social”, “quarentena” e “lockdown” ganharam as páginas de veículos diversos de informação. Também se tornaram decretos governamentais e esvaziaram as ruas do planeta. Estima-se que em torno de 3 bilhões de pessoas tenham entrado em quarentena no mundo nos primeiros meses da doença. Construção de hospitais de campanha, lavagem das mãos com sabão, uso intensivo de álcool gel para higienização diversa de compras e produtos, recebimento de fake news por WhatsApp, etiqueta respiratória e rígidos limites para aglomerações tornaram-se parte da vida cotidiana.<sup>5</sup>

As medidas sanitárias de mitigação da crise incluíam cuidados de higiene pessoal – lavagem das mãos com sabão, higienização com álcool em gel e uso de máscaras – e principalmente, de forma coletiva, controle de aglomerações, bem como distanciamento. A necessidade de diminuir a circulação de pessoas – e evidentemente do vírus que é transmitido também por infectados assintomáticos – levou a medidas de quarentena e *lockdown*<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1314> acesso em 14 de jan. de 2024.

<sup>5</sup> <https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html> Acesso em 12 jan. 2024.

<sup>6</sup> Sobre os termos de forma bastante simples e sucinta ver especialmente o informativo da Universidade Federal da Fronteira Sul. (UFFS, 2020, p.5)

Escolas e universidades foram fechadas, eventos e festas populares cancelados, toda sorte de encontro que incluísse o contato de mais pessoas foi quase instantaneamente evaporado.

Uma reflexão pequena, mas importante do professor Trazíbulo Henrique (2020) enriquece pensar esse período. O termo “isolamento”<sup>7</sup> que antes designava uma orientação médica voltada aos pacientes doentes acabou sendo traduzida e várias vezes replicada como “isolamento social” indistinguível entre doentes e não-doentes. O termo passou a designar o modo de vida naqueles tempos pandêmicos.

No entanto, recordando o envio do primeiro email em 1971 que inaugurou o uso da @, Henrique (2020) assinala que o termo não é correto, afinal o isolamento era físico e não social, ao contrário, pois atitudes de viés social e/ou profissional “promoveram um grande espalhamento social, aqui na acepção de difusão social, irradiação social e alastramento social.” (HENRIQUE, 2020, p.6)

A autorização para consultas em telemedicina; as recomendações de que as crianças participassem online de interações com familiares através do uso de tecnologia<sup>8</sup> ou ainda um cortejo com a imagem do Senhor do Bonfim em Salvador/BA demonstravam que socialmente as pessoas não estavam isoladas. Elas se conectavam de inúmeras formas que foram criadas e pensadas dentro da nova dinâmica imposta com o uso ou não da tecnologia. O receio expresso pelo professor é que o termo pudesse limitar a dimensão do espalhamento e difusão social do período. Dessa forma, tal qual o email enviado a distância que aproxima os sujeitos, a internet se descortinava como possibilidade potente de conexão com a sociabilidade.

---

<sup>7</sup> “medida que visa separar as pessoas doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo Covid-19) das não doentes, para evitar a propagação do vírus. O isolamento pode ocorrer em domicílio ou em ambiente hospitalar, conforme o estado clínico da pessoa.” (UFFS, 2020, p. 4)

<sup>8</sup> Trata-se aqui de cartilha produzida pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Alvarenga (UFBA) para auxiliar os pais no período pandêmico, em especial o item 6 (Conectando-se com os outros). Disponível em: [https://ips.ufba.br/sites/ips.ufba.br/files/dicas\\_pais\\_covid19.pdf](https://ips.ufba.br/sites/ips.ufba.br/files/dicas_pais_covid19.pdf) Acesso em 12 jan. 2024

Uma vez que as escolas e universidades estavam fechadas, o trabalho e os encontros em ambientes de debates acadêmicos também foram prejudicados. No entanto, a comunidade acadêmica também não esteve isolada socialmente. Eventos, aulas e atividades diversas foram engendrados em meio ao medo da infecção, devaneios do governo federal, falta de financiamento e o desenvolvimento de habilidades nunca antes exigidas.

As revistas que são foco principal de discussão nesse trabalho são exemplo dessas práticas. O esforço para manter a excelência nas publicações é demonstrada na classificação como A1 na avaliação CAPES quadriênio 2017-2020. Após arrolar todas elas, foi empreendida uma pesquisa exaustiva sobre a presença de perfis oficiais dessas nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Algumas categorias se desenharam importantes classificando as revistas como as de “perfil ativo em uma ou mais redes sociais”, posteriormente separando aquelas que desenvolveram ações voltadas ao contexto pandêmico, segmentando-as mais uma vez em “publicações nas redes”, “Dossiês/números temáticos” e “lives”. No entanto, apenas as análises quantitativas não seriam suficientes para compreender a diversidade de discussões e interações, portanto, foram analisadas todas publicações e seus pormenores – comentários, reações, layout – durante o período pandêmico<sup>9</sup>.

Nesse contexto, os historiadores acadêmicos também se reinventaram e o presente artigo busca lançar luzes sobre a presença das revistas acadêmicas de História no ambiente das redes sociais digitais para a aproximação e ampliação de um público leitor-autor e na construção de novos objetos de debate da pesquisa histórica.

---

<sup>9</sup> Todas essas análises podem ser acessadas pelo leitor interessado no link a seguir: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1uld0Hi01AHEvIHRvV0BkA2giDvLuWMURWYgPO-nxmSE/edit?usp=sharing>

## **A internet como uma rede -não tão nova – de possibilidades**

Pereira, Marques e Ramalho (2022) acrescentam que diversas iniciativas que nasceram na comunidade acadêmica apartada pelas medidas de isolamento social físico pretendiam manter uma sensação de comunidade entre determinados grupos que haviam perdido a convivência dentro do ambiente universitário.

Importa discutir que a presença nas redes sociais desencadeia um processo de interligação entre os atores que dela participam que em última instância forma grupos sociais. Tomando aqui reflexões dos estudos de análise de redes sociais, a professora Raquel Recuerdo esclarece que:

essas tecnologias passam a proporcionar espaços conversacionais, ou seja, espaços onde a interação com outros indivíduos adquire contornos semelhantes aqueles da conversação, buscando estabelecer e/ou manter laços sociais. (RECUERDO, 2012, p.16)

A autora adverte ainda que são considerados laços sociais as conexões estabelecidas pelos indivíduos, criadas e mantidas através da conversação e interações. As redes sociais digitais são novas formas de ser “social” com impactos diferentes na sociedade contemporânea, a partir das limitações e possibilidades oferecidas no ciberespaço. Desse modo, as conversações, interações e outras formas de sociabilidade são constantemente modificadas, adaptadas, utilizando as possibilidades e características das ferramentas digitais. (RECUERDO, 2012)

Nesse sentido também é preciso ressaltar que as redes sociais – sejam digitais ou não – estão em constante transformação, sendo evidentemente dinâmicas. Tais mudanças são largamente influenciadas pelas interações assim é possível que “existam interações que visem somar e construir um determinado laço social e interações que visem enfraquecer ou mesmo destruir outro laço.” (RECUERDO, 2009, p.79)

Na esteira desse pensamento compreende-se que as revistas acadêmicas formam comunidades entre aqueles envolvidos com a

construção da publicação e os autores-leitores. Há intrinsecamente uma comunidade de leitores e escritores que produzem História e que formam laços sociais e acadêmicos através das revistas.<sup>10</sup> As estratégias para manter essa comunidade em conexão num período de isolamento físico originaram iniciativas importantes nas redes sociais digitais. Nesse sentido vale destacar que, antes do contexto pandêmico, já havia inserção de iniciativas de história pública digital pelas revistas, no entanto, o contexto evidentemente impulsiona esse movimento, tornando-o mais diverso.

### **Revistas acadêmicas de História: quais?**

De modo a compreender essas iniciativas dois marcadores foram essenciais:

#### **1. Qual o período pandêmico?**

Uma vez que grande parte da historiografia profissional no Brasil está ligada às universidades, o período em que as instituições de Ensino Superior ficaram fechadas decorrentes da crise sanitária da COVID-19 foram os marcos, assim apesar de entrelaçar postagens de diferentes períodos e redes sociais digitais, o que aqui é fonte primária são aquelas de março de 2020 a dezembro de 2021, respectivamente quando as universidades foram fechadas devido à crise da COVID-19 e quando as aulas voltaram a ser totalmente presenciais.

#### **2. Quais revistas?**

São inúmeras as revistas acadêmicas da área de História, usou-se um marcador reconhecido pela comunidade: o sistema Qualis de classificação de periódicos da Capes. No sistema online Sucupira são arrolados 361 registros de periódicos classificados como A1 no quadriênio 2017-2020 para a área de

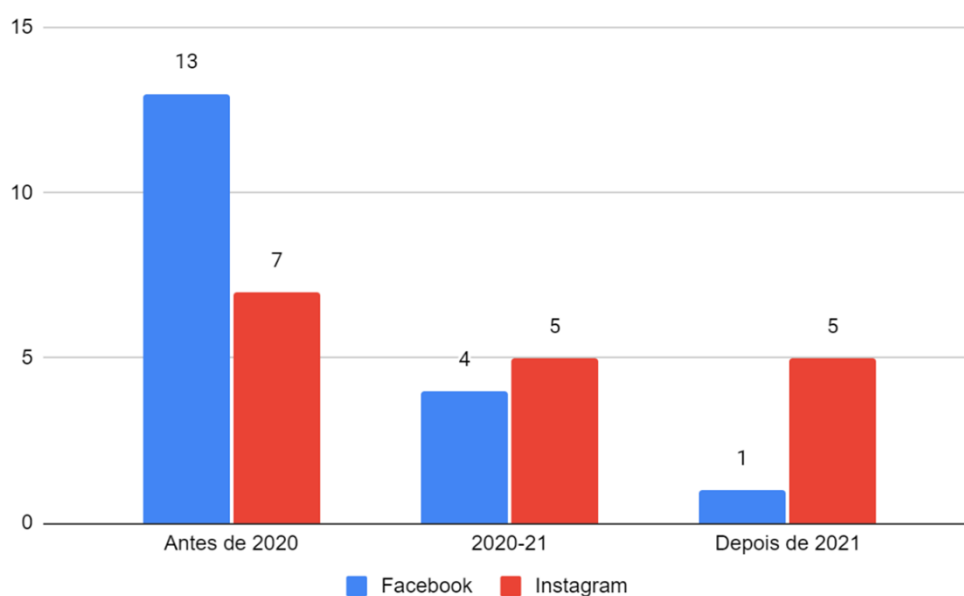
---

<sup>10</sup> Sobre essa questão, ver especialmente o trabalho de Wagner Geminiano dos Santos (2018).

História. Desses 36 são de revistas brasileiras que tratam especificamente de estudos na área.<sup>11</sup>

A partir da enumeração dessas revistas buscou-se a presença delas em duas redes sociais - Facebook e o Instagram -. Ao todo foram encontrados 35 perfis, sendo 18 páginas no Facebook e 17 perfis no Instagram. Considerando como ativas as contas que receberam postagens depois de julho de 2023 considera-se que apenas 10 páginas no Facebook estão ativas e 14 perfis no Instagram.

Mais interessante ainda é considerar em que momento uma ou outra rede passou a ser mais usada pelas revistas acadêmicas. Observa-se assim que esses perfis nas redes foram construídos em momentos bem diferentes, como pode ser visualizado a partir dos dados do gráfico 1.



**Gráfico 01:** Época de entrada  
**Fonte:** Elaborada pela autora

<sup>11</sup> Importa acrescentar que muitos periódicos arrolados inicialmente não se dedicam a publicações de História, muitos ligam-se aos estudos específicos da Geografia, outros das Artes Cênicas. Aqui foram analisados aqueles que são vinculados aos estudos historiográficos ou em periódicos que tratam também da História junto a outras áreas como Educação e Sociologia.

Os dados analisados permitem afirmar que ocupar as redes sociais digitais para congregar os usuários leitores e autores é um movimento anterior à pandemia em consonância com a recomendação da Scielo de que fosse feita a divulgação dos periódicos “nas redes sociais mais pertinentes, utilizando o *Twitter*, o *Facebook* e/ou outros sistemas” (SCIELO, 2014, p.20)

No entanto, percebe-se aqui que os anos pandêmicos foram aqueles em que as revistas modificaram a adesão a uma ou outra rede e inverte-se a criação de novos perfis. Se antes a maioria estava no *Facebook*, depois a maioria está no *Instagram*. Essa é uma tendência dos internautas brasileiros no período.<sup>12</sup> Em relação ao conjunto dos perfis das revistas observa-se que muitos perfis no *Facebook* apesar de existirem não são “alimentados”, enquanto no *Instagram* recebem novos posts e interações.

É o caso por exemplo da Revista Anos 90 que tem página no *Facebook* sem posts desde dezembro de 2022, mas que tem o perfil ativo no *Instagram*. A revista com maior número de seguidores em qualquer uma das redes sociais é a Revista de História da USP cujo perfil no *Instagram* foi criado em novembro de 2019, embora não há página da revista no *Facebook*.

Assim podemos afirmar que as revistas estão nas redes sociais digitais há tempo considerável, o perfil ativo mais antigo é a revista Tempo e Argumento em fevereiro de 2012, que em outubro de 2019 constrói um perfil no *Instagram* e em outubro de 2023 ativa perfil no *Spotify* lançando oito episódios de podcast com entrevistas de professores que organizaram dossiês. Assim, além de presentes nas redes sociais digitais, as revistas divulgam a produção acadêmica e também constroem novos produtos vinculados ao trabalho desenvolvido pelo periódico.

---

12 Apesar de relatar pesquisa vinculada ao universo do marketing digital, as observações de Silva e Cordeiro (2020) quanto ao crescimento do uso do Instagram também é percebido nessa pesquisa, pois “face a um cenário desafiador ligado à pandemia do novo Coronavírus, o uso do Instagram ampliou-se significativamente.” (SILVA; CORDEIRO, 2020, p. 153) Dessa forma, os perfis nessa rede social são sensivelmente aqueles que mais expandiram, bem como iniciativas que utilizam dessa plataforma para divulgação.

Essa afirmação fica mais clara quando analisamos os diversos perfis da tradicional Revista de História da USP nas redes sociais digitais criados em 2019 simultaneamente. A escolha da equipe editorial por ampliar as discussões através das redes sociais digitais é apresentada como uma das ações pela comemoração dos 70 anos de fundação da revista, em 2020. Em vídeo da época fixado no canal oficial no *YouTube* (@RevistadeHistoriaUSP), o então editor prof. Dr. Júlio Pimentel Pinto esclarece que

Como parte das comemorações desses 70 anos que estão chegando, estamos abrindo esse canal que vai trazer vídeos, vai trazer podcasts. Além dele, também um blog vai nascer, associado ao site da revista pra publicar textos mais ágeis, pra que a gente participe mais dos debates contemporâneos, pra que todo aquele furor de discussões que ocorrem no Brasil afora esteja presente também num movimento interno da revista. A ideia é que esses canais...vídeo, podcast, blog...sirvam para divulgar os textos da revista pra comunicar ideias e ouvir ideias...falar e ouvir. Dialogar é a palavra que está por trás dessas iniciativas novas da revista de História nos seus 70 anos. É dialogar, conversar...é abrir espaço para quem gosta de História, pra quem se interessa por história, pra quem quer conhecer mais. Frequentem, por favor, esses novos espaços. Vai ter coisa bacana aparecendo toda hora pra que a gente mantenha esse lugar, esse espaço, esse canal de diálogo.<sup>13</sup>

O vídeo curto, sem grandes esquemas de cenário ou roteiro, esclarece em linguagem coloquial os objetivos da revista em investir nas redes sociais digitais. Primeiramente, há a intenção de ocupar esse espaço como forma de apresentar textos menos complexos do que os densos artigos escritos por e para especialistas em História e que, por causa da dinâmica da revista, nem sempre acompanham as discussões contemporâneas no país, para tanto a equipe editorial investe na criação de um blog.

A palavra-chave para entender a posição da equipe editorial é sem dúvida: diálogo, repetida algumas vezes pelo editor. Não seria ousado afirmar que a proposta com as redes sociais é alcançar um público mais amplo e

<sup>13</sup> Transcrição literal com marcas de oralidade da fala gravada do prof. Júlio Pimenta Pinto disponível em <https://youtu.be/p5qKDrLxDcQ> Acesso em 12 jan. 2024.

menos especializado. Abrir assim espaço de escuta e *fala* tanto para quem se interessa por História quanto para quem a produz.

Provavelmente o vídeo da Revista de História da USP foi produzido bem próximo temporalmente da publicação de Bruno Carvalho e Ana Paula Teixeira (2019) sobre divulgação histórica. Já no início da obra os organizadores afirmam que são poucos os historiadores que se dedicam a divulgar o próprio trabalho para o grande público. Aqueles que o fazem não tinham uma grande audiência. Afirmção mais que reafirmada ao observar o número de seguidores das revistas especializadas analisadas que no *Facebook* giram em torno de 5 mil enquanto no *Instagram* quando muito chega ao número de dois mil, com exceção da Revista de História da USP.

Entretanto, nem sempre foi assim, no século XIX a presença de historiadores em instituições de imprensa – veículos que atingiam um público maior e menos especializado – era largamente difundida através da escrita de uma gama diversa de documentos desde obituários à documentação de viagens talvez lançados em formato de livro posteriormente. É daquele século também práticas que podem ser hoje consideradas de divulgação histórica como os conhecidos concursos sobre História do Brasil do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e outros escritos. (CARVALHO; TEIXEIRA, 2019)

Carvalho (2021) assinala que apesar de existir o termo divulgação científica, o mais comum na época era o uso da expressão “vulgarização científica” que seria difundir os conhecimentos científicos para a sociedade que surgia depois da segunda revolução industrial concentrada em cidades e informada pelos meios de comunicação de massa. Vergara (2008) esclarece que o termo “vulgarização científica” usado no século XIX foi no decorrer do tempo caindo em desuso, sendo gradativamente substituído por “divulgação científica” e, por fim, considerado de forma pejorativa.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Em relação às discussões linguísticas e conceituais dos diversos termos que se relacionam à noção de divulgação científica ver os trabalhos de Vergara (2008) no que tange a um

As conferências científicas do século XIX em que uma série de aulas eram ministradas por professores universitários ou acadêmicos destacados quase sempre membros de academias e comunidades científicas foram uma das principais formas de vulgarização científica da época. O formato se espalhou pela Europa, EUA e chega também ao Brasil com destaque especial para as Conferências Populares da Glória<sup>15</sup>.

No que tange ao contexto brasileiro a vulgarização científica vai ganhar novo e importante salto com o processo de modernização do mercado editorial em especial com a fundação da Companhia Editora Nacional, em 1925. A editora investiu na produção de coleções, muitas delas voltadas ao conhecimento histórico, bem como lançou sob o selo “Brasiliiana” importantes obras da historiografia brasileira escritas por Sérgio Buarque de Hollanda e Gilberto Freyre, por exemplo. (CARVALHO; TEIXEIRA, 2019)

“A ‘revolução’ editorial da companhia Editora Nacional, foi fundamental para conectar os historiadores e a sua produção com o público-leitor da primeira metade do século XX.” (CARVALHO; TEIXEIRA, 2019, p.11). Somados a novas formas de gerir e produzir livros, – como a qualidade de ilustrações, do papel e novas formas logísticas que impactaram na circulação de livros no Brasil – os negócios editoriais só se expandiram durante o século XX, embora com a presença ocasional de historiadores como constataam Carvalho e Teixeira (2019) e Perli (2021).

As iniciativas editoriais voltadas a divulgação de História que emergem no século XXI tem outro caráter. Inúmeras delas estão na verdade associadas a nichos editoriais comerciais. Nas reflexões de Jurandir Malerba (2014), junto a programas televisivos que usam de contexto histórico para emplacar

---

contexto de inter-relação entre Brasil e Europa, e em especial de Valentim; Orrico; Silva (2021) referentes à discussão brasileira.

<sup>15</sup> Entre 1873 e 1898, na cidade do Rio de Janeiro, foram realizadas centenas de conferências sobre os mais variados e atuais tópicos científicos denominadas de Conferências Populares da Glória, tiveram destaque na imprensa local e certo estímulo da Coroa. Os conferencistas eram majoritariamente brasileiros, em geral professores, acadêmicos ou intelectuais.” (CARVALHO, 2021)

sucessos de público e propaganda, as diversas revistas de divulgação histórica surgidas no início da década de 2000 chamaram a atenção de “editores, publicitários e homens de mídia em geral [que] descobriram que o passado pode representar bons negócios.” (MALERBA, 2014, p. 29). São projetos que objetivavam não apenas ampliar o público leitor, mas lucrar com edições em larga escala e qualidade científica no mínimo duvidosa.

Em estudos sobre revistas de divulgação histórica de ampla circulação, Fernando Perli (2021; 2017) distingue dois tipos dessas publicações ligadas a projetos editoriais bastante distintos:

Algumas, dentre as mais antigas, se projetaram no segmento de revistas com temáticas de história, tendo o suporte de editoras e de grupos econômicos interessados no negócio. Suas composições, em grande parte, resultam do envolvimento de editores jornalistas e colaboradores com formação em comunicação social e história, dispensam conselhos editoriais ou científicos e objetivam a publicação do que se convencionou denominar “reportagens de história” articuladas com ilustrações diversas. Outras, idealizadas a partir de demandas que surgiram do ambiente acadêmico para divulgar a história para públicos mais amplos, contaram com o engajamento de editores e colaboradores da história e de outras áreas de conhecimento, tendo em suas estruturas de produção conselhos editoriais e consultivos compostos por especialistas, publicando artigos e imagens de fontes. (PERLI, 2017, p.3)

Embora nitidamente um dos segmentos estivesse ancorado em pretensões e expectativas comerciais e lucrativas, ambos os projetos que tem nas revistas *Aventuras na História* (2003- atual) e *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2005-2016) os principais expoentes antagônicos, buscavam de alguma forma aproximar o conhecimento histórico em linguagem popular. O projeto da *Aventuras na História* relevava o trabalho de editores e escritores jornalistas com capas atrativas e chamadas apelativas. Muitos dos jornalistas que escreviam para a revista como Laurentino Gomes e Leandro Narloch são sucesso de vendas, “o que sustentou a concepção de que boas publicações de história, incluindo-se a revista, eram as que vendiam mais.” (PERLI, 2021, p.4) Essas produções se enquadram naquelas que foram bastante criticadas por Malerba (2014) como retrógradas, reacionárias,

conservadoras e preconceituosas, além, óbvio, de carecer de bons referenciais de pesquisa historiográfica.

Por outro lado, a *Revista de História da Biblioteca Nacional* nasceu como uma demanda do meio acadêmico por divulgação histórica. Nascida a partir do Conselho de Pesquisa da Biblioteca Nacional, seu conselho editorial era formado por historiadores atuantes nas universidades brasileiras, “como resultado, os leitores tiveram acesso a uma revista que conciliou textos de especialistas com ricas imagens de fontes históricas da Biblioteca Nacional.” (PERLI, 2017, p.8) Embora essas revistas não sejam periódicos científicos na área de história, elas apresentam uma tendência de aproximação ao público leitor, bem como uma mudança sensível nos textos escritos por historiadores.

Bentivoglio (2017) pondera que até o século XIX a historiografia estava centrada na produção de livros que além de caros eram menos acessíveis que revistas. As revistas especializadas no século XX modificam não apenas a produção, mas substancialmente a forma de escrever dos historiadores que “de textos longos produzidos ao longo de meses ou de anos se deslocou para a construção de textos menores numerosos produzidos em curtos espaços de tempo exclusivamente para as revistas.” (BENTIVOGLIO, 2017, p. 7) Pode-se ainda acrescentar que essa mudança está diretamente ligada a prazos e metas de produtividade que invadem o campo acadêmico e modificam a forma de escrever.

Importantes mudanças também se impõem no que concerne ao gerenciamento dos periódicos. Bruna Silva (2019) traz a reflexão sobre os desafios das revistas após o acesso pela internet através de uma ata de reunião de 2011 da Anpuh em que a então editora da Revista Brasileira de História, Marieta de Moraes, relatava o aumento do fluxo de artigos para análise sem as devidas mudanças nos suportes de gestão, assim embora ocorra o barateamento do processo de publicação, os custos com o gerenciamento da revista aumentam.

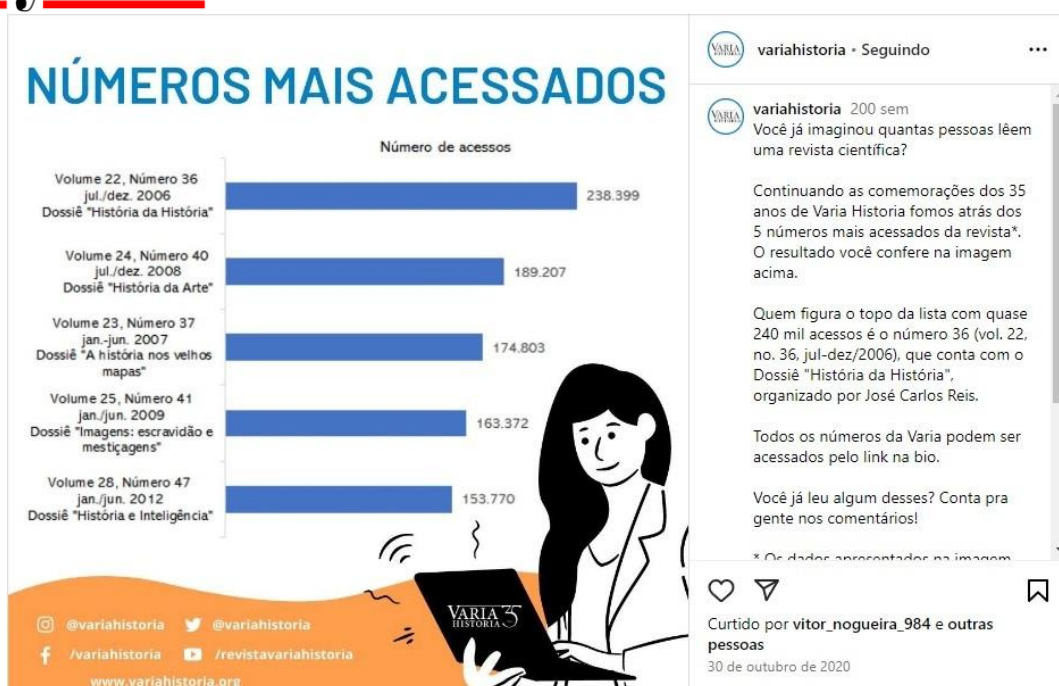
Considera-se aqui pensar nos custos para a produção da revista financeiros ou não. Pois todo o processo de publicação de uma revista está atrelado à dedicação de tempo e conhecimento de professores que, vinculados a universidades, somam mais essa demanda à agenda de aulas, orientações, pesquisas e produção acadêmica.

Segundo Roberta Cerqueira (2019), a popularização da Internet na década de 1990 gerou outras inúmeras modificações especificamente para a publicação, distribuição e divulgação dos periódicos científicos. A forma de submissão dos artigos às editorias passou a ocorrer de forma eletrônica, trazendo bastante agilidade ao processo.

A Internet tornou mais ágil essa etapa do processo editorial, porém a complexificou consideravelmente sob outros aspectos: índices de impacto, indexações, mensuração de citações e outros recursos bibliométricos surgidos na área digital. Novas formas de divulgação das revistas acadêmicas também surgiram. (CERQUEIRA, 2019, p.59)

Uma vez que os artigos estão acessíveis a mais leitores de forma muitas vezes gratuita e aberta, seja na forma de revista ou de e-books. Impõem-se mudanças na forma de leitura, de suporte e principalmente de divulgação. Esse é o uso primeiro das redes sociais digitais pelos periódicos acadêmicos.

A figura 1 nos remete à importância das redes para os periódicos científicos enquanto referência acadêmica. Mais, assinala como esse espaço também é usado para engajamento nas redes e aproximação com o público leitor. Na legenda da publicação em questão o perfil da revista convida o seguidor a relatar suas experiências com o periódico em um convite simples "Já leu algum desses? Conta pra gente nos comentários!"



**Figura 01:** Postagem da Revista Varia História em 30 de outubro de 2020

**Fonte:** Instagram, 2020.<sup>16</sup>

Em texto editorial da Varia História, a professora Mariana de Moraes Silveira (2022) destaca que a importância da presença dos periódicos científicos nas redes sociais fica explícita quando a atuação nas redes passa a ser também um parâmetro de avaliação de alguns editais de fomento. Fachin et al (2022) esclarecem que a Scielo propõe novas formas de avaliação considerando o impacto das publicações não apenas entre os pares acadêmicos, mas também entre a sociedade em geral considerando o número de citações recebidas pelas revistas em três bases: Scopus, Web of Science e Google Scholar. Nesse sentido, outros usos do conhecimento científico são considerados, analisando as repercussões e a utilização dos dados por toda a sociedade.

A figura 1 também as assinala, pois, ao apresentar o quanto a revista é acessada, a postagem exhibe ao seguidor a sua importância para além das redes, embora dentro delas também. Ao mesmo tempo que a figura realça os dados de acesso da revista demonstrando o quanto ela é lida, logo

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CG-T1ONjA4m/> Acesso em 12 jan. 2024.

referenciada, também destaca – canto inferior da publicação – todas as redes sociais da revista em fundo de cor diferente dos números dos gráficos.

O uso das redes sociais digitais por periódicos científicos representa visibilidade para suas publicações, gerando possível maior fluxo de leituras e dos materiais publicados e fomentando talvez novas citações. “Isso quer dizer que, as redes sociais e acadêmicas, podem ajudar a alavancar os indicadores de mensuração da revista, conforme os novos parâmetros SciELO e de citação do Qualis no Brasil, já que prioriza o Google Scholar.” (FACHIN et. al., 2022, p.189)

A figura 1 corrobora com algumas dessas percepções. O uso do formato *Portable Documento Format* – PDF a partir da década de 1990 desencadeou uma verdadeira mudança nas formas de ler e escrever em especial no meio acadêmico. A popularização dessa nova configuração aumentou expressivamente a circulação dos textos pelas inúmeras possibilidades de carregar, guardar e compartilhar cada vez mais diversas e dispersas no decorrer das décadas dos anos 2000.

Pode-se afirmar que essas mudanças junto ao acesso às revistas pela internet fazem uma revolução nos periódicos sempre em direção à ampliação do público leitor e autor. Os dados de alcance se tornaram mais claros e quantificáveis, como o gráfico (fig. 1) usado na postagem da *Varia Historia*. Destaca-se que os milhares de acessos aos dossiês dão apenas pista do alcance dos textos pois, é impossível precisar os inúmeros compartilhamentos.

Ao defender o estudo das revistas especializadas de História, Bentivoglio (2017) argumenta que no decorrer do século XX elas são espaços privilegiados de constituição de novos campos, redes de intelectuais, temáticas e metodologias, influenciando sobremaneira na historiografia, haja vista por exemplo as publicações dos *Annales*. A figura 1 também dialoga com essa percepção ao apresentar como dados importantes aqueles dossiês mais lidos, desta forma contribui para a compreensão dos temas mais importantes para

a revista e sua comunidade, construindo uma identificação entre os estudiosos. Ao mesmo tempo em que sinaliza suas esferas de debate.



**Figura 02:** Postagem da revista Almanack em 20 de junho de 2020

**Fonte:** Facebook, 2020.<sup>17</sup>

A presença nas redes sociais digitais também impulsionou novas formas de divulgação dos números das revistas. Mais que compartilhar imagens, as revistas procuraram construir novas formas de divulgação como pequenos vídeos com autores que publicaram nos dossiês.

A figura 2 mostra um pequeno vídeo produzido e divulgado na página da revista Almanack no Facebook, nele uma das organizadoras do dossiê o divulga e convida a comunidade a explorar suas páginas, para tanto, a professora Mariana Dantas argumenta que o tema do dossiê - O urbano e o global na era moderna em uma perspectiva comparativa - está intrinsecamente ligado ao contexto pandêmico e às consequências para

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/RevistaAlmanack/videos/1629592860543312>  
Acesso em 12 jun. 2024.

idades em perspectiva ampla, complexa e comparativa que só poderiam ser compreendidas com uma mirada histórica.

Como a figura 2, a figura 3 já sinaliza a proposta de dossiês ou números temáticos sobre doenças, História da Saúde, pandemias na História ou específicos da COVID-19, das 36 revistas analisadas 5 propuseram dossiês dentro dessas temáticas como a revista Topoi em setembro de 2020 anunciando a chamada para novo dossiê a ser publicado em 2021.



**Figura 03:** Publicação do perfil da revista Topoi em 03 de setembro de 2020

**Fonte:** Instagram, 2020.<sup>18</sup>

Há de se considerar que a construção de dossiês temáticos dialoga com a atualidade de tópicos e demandas tanto dos autores quanto do público leitor que inúmeras vezes se confundem. Nesse cenário, as redes sociais digitais se projetam como uma forma de divulgação e de engajamento, visando não apenas à divulgação dos trabalhos, mas também como uma maneira de ampliar o público e de fomentar a discussão de novos temas ou de pautas sensíveis a sua comunidade num determinado contexto.

<sup>18</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/CfiE\\_MZpoJW/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CfiE_MZpoJW/?img_index=1) Acesso em 12 jan. 2024.

Cerqueira (2019) relembra que o lançamento dos perfis nas redes sociais da revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos ocorreu durante manifestações de protesto em 2013, nesse contexto diversos historiadores foram convidados para discutir os acontecimentos através de entrevistas divulgadas nas novíssimas redes sociais digitais da revista<sup>19</sup>. Assim, além de publicizar os novos espaços de interlocução e artigos já publicados que dialogavam com os temas, propunha-se “estender à revista o alto interesse do público pelo tema já em voga como também o incremento das discussões a partir de conhecimentos científicos e análises mais aprofundados.” (CERQUEIRA, 2019, p.62)

É nesse sentido que o tempo pandêmico também invade as publicações e iniciativas das revistas científicas de História. Considerando das 18 páginas pesquisados no *Facebook*, 11 tem alguma postagem relativa ao contexto pandêmico; dos 16 perfis ativos no *Instagram*, 8 tem postagens com alguma alusão ao tema.

Tais tem diferentes formatos e objetivos, como uma simples divulgação de artigos que tinham alguma relação com tema “doenças, epidemias e afins”. Nesse mesmo item, entram também publicações que chamam a atenção do seguidor-leitor-autor para a oportunidade de usar o tempo de isolamento físico para a leitura de obras. Nesse caso, algumas revistas usaram como recurso a publicação de dicas de livros que poderiam ser baixados gratuitamente na internet ou usam a oportunidade para divulgar a produção da revista em outros formatos.

A figura 4 é representativa dessas atividades. A revista Almanack divulgava uma ação no seu canal do *YouTube* em que o tema da efeméride dos 200 anos da Independência do Brasil em 2020 seria explorado com a fala de três renomados historiadores. O texto que acompanha a imagem divulga

---

<sup>19</sup> A revista mantém ativos um blog e uma página no *Facebook*, com 10 mil seguidores, entre as analisadas é a segunda maior.

o dossiê que será lançado ao mesmo tempo que faz referência ao tempo de isolamento físico quando “grande parte das pessoas estão em suas casas preservando suas vidas e saúde”.



**Figura 04:** Postagem da Revista Almanack no Facebook em 23 de abril de 2020  
**Fonte:** Facebook, 2020<sup>20</sup>

A legenda postada ainda ressalta que as falas que fazem parte do vídeo serão publicadas em dossiê pela revista. Vale refletir as diferenças nos suportes do texto escrito e do vídeo, afinal um artigo escrito, (re)pensado, revisado e avaliado por pares é bem diferente de uma conversa ao vivo entre três especialistas. Nesse sentido, mesmo atrelada à produção da revista, as redes sociais digitais das revistas constroem mais que divulgação, legitimando uma nova forma de produção historiográfica que perpassa o repensar sobre o público, o suporte e se entrelaça ao contexto em que a produção é apresentada ao público leitor-autor que pode interagir através de reações e perguntas diversificando todo o contexto das falas.

20

Disponível em:  
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2959334324156580&set=a.2793088950781119>  
 Acesso em 12 jan. 2024.

Considerando ainda como o contexto pandêmico invade os periódicos e diversificam a produção nas redes, as revistas científicas de História também propuseram *lives*. O termo em inglês se remete inicialmente a qualquer gravação feita ao vivo e estava associado especialmente a transmissões televisivas do gênero. Lupinacci (2021) acrescenta que o termo havia sido adotado pelos maiores conglomerados do capitalismo digital que passaram a incorporá-lo junto a sites e aplicativos como novas funcionalidades que permitiam aos atores ver e transmitir vídeos ao vivo. Apesar dos esforços mercadológicos, a adesão dos usuários até meados de 2020 foi pequena.

Todavia, em tempos pandêmicos, essas funcionalidades tomam outra dimensão. O sentido de *live* ou *lives* alude a iniciativas diversas que propunham de alguma forma conectar os sujeitos:

Se a condição existencial do brasileiro passa pela relação com o outro, a quarentena trouxe um profundo e doloroso corte na nossa forma de existir. É nesse contexto que as *lives* adquirem novo sentido. Tornam-se rapidamente uma possibilidade — a única, em alguns casos — de viver novamente as situações de coletividade desejadas. Representam, mesmo que de forma diferente, a alternativa possível de se ter acesso aos sentidos interrompidos de identificação e pertencimento. As *lives* assimilaram aspectos importantes de coletividade, sugerindo mobilização, sensação de pertencimento e legitimação. (PEREZ et. Al, 2021, p.2)

Apesar de situar suas discussões à esfera das *lives* de entretenimento que logo foram arregimentadas por grandes marcas – principalmente de bebidas alcoólicas –, é pertinente pensar que a difusão desses eventos está intrinsecamente ligada a um período em que as comunidades estavam apartadas. Como apresentou Lupinacci (2021), a utilização dessas funcionalidades não se limitou a eventos midiáticos e/ou comerciais, mesmo na esfera familiar, os brasileiros também aderiram a eventos pequenos com o objetivo de congregar e reunir aqueles apartados pelas circunstâncias.

Na esteira das reflexões apontadas por Henrique (2020) grande parte dos brasileiros estava em isolamento físico, e não social, sendo as *lives* nos diversos âmbitos como mais uma forma de unir os pares. É preciso ressaltar que

as *lives* das revistas não objetivavam apenas a um pretenso momento de união entre os pares. Há a importante iniciativa de troca e diálogo.

A figura 5 reproduz a imagem que foi publicada no perfil da Revista de História da USP para marcar a primeira *live* feita pelo periódico em 07 de maio de 2020, eventos que se tornaram semanais durante o isolamento físico. Neles autores são entrevistados e publicações no perfil da revista destacam suas produções na revista da USP e em outros periódicos também são destacadas em posts na semana que antecedia a *live*.



**Figura 05:** Postagem Revista de História da USP em 07 de maio de 2020

**Fonte:** Instagram, 2020.<sup>21</sup>

As *lives* como as transmissões televisivas dão a possibilidade de o usuário assistir ao mesmo tempo ou, caso disponíveis, após a sua transmissão. Assisti-las ao vivo permite ao usuário interagir com outros através das ferramentas de

<sup>21</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/B\\_55Lz0HTQL/](https://www.instagram.com/p/B_55Lz0HTQL/) Acesso em 15 jan. 2024. Vale ressaltar que apesar de resguardar as fotos e nomes de perfis que aparecem no print, essa publicação é pública para qualquer internauta. Tanto que o link de todas as imagens pode ser acessado por janelas anônimas e internautas sem cadastro no Facebook ou Instagram.

chat e de engajamento<sup>22</sup> A partir dessas interações acontece uma troca entre os seguidores e o perfil da revista. Na figura 5, por exemplo, as perguntas dos seguidores são respondidas, tanto ao vivo – as interações aparecem junto à foto dos interlocutores – quanto posteriormente com comentários à publicação. Nesse sentido, seria possível afirmar que as transmissões de debates acadêmicos, palestras e discussões podem ter criado, através de seus públicos, comunidades com linguagem comum que permitem o debate entre indivíduos ao mesmo tempo em que os une, mesmo isolados em suas casas. (PEREIRA; MARQUES; RAMALHO, 2022)

O diálogo em comentários da revista com os leitores não é exclusividade da revista paulista está também em diversos outros perfis. E as *lives* – realizadas ao todo por 5 revistas das 36 pesquisadas - se apresentam como uma ferramenta a mais para esse diálogo, não se trata apenas de uso de uma nova funcionalidade em um contexto específico, mas, sim de uma postura que coloca o interlocutor acadêmico na posição de diálogo com o público.

É verdade que um tema não se torna acessível pelo simples fato de estar disponível de forma aberta online; se a sua linguagem não é acessível, isto continuará limitando o público. No entanto, as *lives* ocorridas em redes sociais como *Facebook* e *Instagram* já são um grande passo em direção à expansão do alcance dos temas discutidos, pois os eventos já não se limitam mais a um espaço físico, como o da universidade, mas pode ser acessado por qualquer pessoa através de um computador ou *smartphone*. (PEREIRA; MARQUES; RAMALHO, 2022, p.268)

Na visão dos autores a adesão às *lives* também surge como um ponto de mudança em relação à linguagem. Esses eventos já apresentam outra forma de dizer, tanto em relação ao ritmo de falar quanto à informalidade. O tempo pandêmico ainda impunha a invasão da esfera pública na privada, a exigência de conhecimentos técnicos nunca antes utilizados por parte considerável da comunidade historiadora, o que aparece em muitos desses

<sup>22</sup> Nas redes sociais digitais, durante as *lives* os usuários podem se manifestar também através do envio de símbolos como coração, e de significado de palmas.

eventos em que o autor entrevistado inicia sua fala já apontando o ineditismo para si em estar naquele espaço. Embora Pereira, Marques e Ramalho (2022) discutam a partir dos eventos de transmissão ao vivo considerando todas as suas especificidades, pode-se apontar que a própria presença ativa nas redes sociais também modifica a forma de linguagem e de relação com o público.

Na figura 6, outra dimensão das especificidades da presença ativa dos periódicos de História nas redes sociais fica explícita. A divulgação dos artigos pelos periódicos e as entrevistas – sejam em *lives*, escritas ou em vídeos curtos – dão a oportunidade aos autores de falar de aspectos da pesquisa que, pelo limitado espaço no artigo, não estão ali presentes. Na imagem em questão um usuário marca o perfil do autor do texto. Por ser esse perfil privado não é possível afirmar quais as repercussões da marcação, embora descortinam-se inúmeras possibilidades em que o autor divulga seu trabalho e junto o da revista em seu próprio perfil.



**Figura 06:** Postagem da revista Tempo e Argumento em 24 de maio de 2020

**Fonte:** Instagram, 2020.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAIT9ZEnAHs/> Acesso em 15 jan. 2024.

A marcação de perfis e a difusão da divulgação dos artigos através de postagens e *lives* em perfis pessoais extrapolam a comunicação entre os pares e abrem a possibilidade de discutir com um público que mesmo formado por historiadores, ao estarem fora do seu campo especializado, são de certo modo também leigos. Assim, “o artigo não morre após a publicação, ganha vida com os comentários e marcações de pessoas e instituições nas postagens que realizamos.” (CERQUEIRA, 2019, p. 69)

Esses canais de interlocução que extrapolam a esfera da escrita e leitura também impulsionam novas formas de discussão, conhecimento e divulgação das pesquisas acadêmicas através de redes sociais digitais que circulam diferentes formatos de conteúdo principalmente os agregadores de áudio como *Spotify* e *Deezer*. Neles, para além da imagem e do texto escrito, outros formatos de conteúdo que partem da publicação da revista, mas não é limitada por ela.



**Figura 07:** Postagem da Revista de História da USP em 12 de setembro de 2020

**Fonte:** Instagram, 2020.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFC7j3JHlro/> Acesso em 15 jan. 2024.

Os podcasts das revistas apresentam entrevistas feitas num outro formato para uma nova audiência que não quer ou pode acompanhar esses eventos ao vivo ou por vídeo. A criação de podcasts para além das entrevistas já feitas pelo periódico parece não estar entre os objetivos das revistas acadêmicas de História. Há obviamente uma questão estrutural e financeira, na figura 7 por exemplo a revista divulga seu podcast e indica que a arte foi feita por outro perfil (@sv.castro<sup>25</sup>). No dia anterior, 11 de setembro de 2020, há outra postagem que publiciza o podcast da revista e também divulga um novo atalho no perfil para uma rede de links esses também elaborados com o apoio tecnológico do perfil @sv.castro, mais uma vez, questiona-se se foi de forma voluntária.

Assim, apesar de nos debruçarmos sobre a produção das revistas nas redes sociais digitais, e embora não seja objetivo desse trabalho, importa destacar que é preciso discutir sensivelmente quem faz, como faz, quanto (e se) recebe pelo trabalho cansativo e especializado de manter as redes sociais das revistas ativos e atuantes. Compreende-se que importa ao profissional da História ter a mínima formação nesse sentido também.

## Conclusão

A importância dos periódicos especializados para o trabalho acadêmico é inegável bem como os numerosos desafios para a produção, divulgação e ampliação do público leitor-autor. A emergência da internet e das redes sociais adicionaram complexidade a esse quadro, esse trabalho buscou descortinar como as redes sociais digitais se apresentam como profícuo meio de ampliação do público leitor através de novas formas de linguagem, suportes e divulgação. O caminho para a construção dos dados passou tanto por uma análise quantitativa quanto qualitativa impulsionando

---

<sup>25</sup> Esse perfil está desativado, por isso não há nem como determinar a pessoa por trás do trabalho sem uma pesquisa na revista.

um mergulho nas postagens das revistas de História no *Facebook* e *Instagram* no período pandêmico. Entre publicações que divulgavam artigos, emergiram iniciativas criativas de debates e novas interlocuções que buscavam congregar o público leitor-autor já cativo e ampliar a audiência aos interessados. Destacam-se especialmente a elaboração de dossiês temáticos e as *lives* que, além de diversificar os formatos de suporte, e descortinar novas formas de interação entre os autores, editores e o público leitor, também usavam dos temas da atualidade para expansão e engajamento. Esse trabalho se debruçou sobre uma produção ínfima e pequena das revistas acadêmicas de História em período também circunscrito. No entanto, foi possível destacar que, apesar dos inúmeros desafios tanto aqueles cotidianos da produção de um periódico especializado quanto os circunscritos ao período pandêmico, as revistas acadêmicas de História constroem produtos ímpares para sua comunidade de leitores-autores e únicos no período pandêmico que merecem melhor publicização e utilização da comunidade, bem como são fontes históricas relevantes para compreender um período em que a única certeza é que nada seria como antes.

### Referências bibliográficas

BENTIVOGLIO, Julio. Revistas de História: objeto privilegiado para se estudar a história da historiografia?. In. ARRAIS, Cristiano Pereira Alencar; BENTIVOGLIO, Julio (orgs.). *As revistas de história e as dinâmicas do campo historiográfico*. Serra/ES: Editora Milfontes, 2017. p. 7-31.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. Introdução: os lugares do historiador-divulgador. In. CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (orgs.). *História pública e divulgação de história*. São Paulo/SP: Letra e Voz, 2019. p. 9-24

CARVALHO, Bruno Pastor Leal. História e historiadores na vulgarização científica do Brasil oitocentista: as “Conferências Populares da Glória”. *Hist. Historiogr.*, Ouro Preto, v. 14, n. 37, set.-dez. 2021. p. 135-170

CERQUEIRA, Roberta. Pesquisa publicada é pesquisa divulgada? A experiência de divulgação da revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos e seus públicos. In: CARVALHO, B. L. P. de; TEIXEIRA, A. P. T. *História pública e divulgação de história*. São Paulo/SP: Letra e Voz, 2019. p. 55-72

DOS SANTOS, Wagner Geminiano. *A INVENÇÃO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA PROFISSIONAL, ACADÊMICA: geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil (1980-2012)*. 2018. 438f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

FACHIN, Juliana; WERLANG, Elisabete; ARAÚJO, Ronaldo Ferreira; BLATTMANN, Ursula. Visibilidade, atenção online e impacto das interações nas publicações científicas. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande v. 36, n. 01, jan./jun. 2022, p. 184-205

LUPINACCI, L. "Da minha sala pra sua": teorizando o fenômeno das lives em mídias sociais. *Galáxia* (São Paulo), n. 46, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/3B9LNCpBGMn8R7Ppw6vBPh/> Acesso em 16 jan. 2024.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *História da historiografia*, Ouro Preto/MG, n. 15, ago/2014. p. 27-50.

PEREIRA, Mateus; MARQUES, Mayra; RAMALHO, Walderez. O atualismo chega à História? Virtualização do ofício do historiador durante a pandemia de Covid-19 (2020). In: NICODEMO, Thiago Lima; ROTA, Alesson Ramon; MARINO, Ian Kisil. *Caminhos da história digital no Brasil*. Vitória/ES: Editora Milfontes. 2022. p. 258-282

PEREZ, Clotilde; SATO, Silvio; POMPEU, Bruno; ORLANDINI, Rafael. Os sentidos das lives no contexto da pandemia: do escapismo e da filantropia às lógicas identitárias. *Galáxia* (São Paulo, online), v. 47, 2022, pp.1-23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/48dQ8C6mXXn6CtRbHnjFQTD/> Acesso em 28/04/2023

PERLI, F. "E ao grande público precisamos nos dirigir": historiadores e jornalistas em revistas de divulgação histórica. [s.l.: s.n.]. *Anais XXIX Seminário Nacional de História*. Brasília/DF. 2017 Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502922860\\_ARQUIVO\\_Perli.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502922860_ARQUIVO_Perli.pdf). Acesso em: 28/04/2023

PERLI, Fernando. Projetos editoriais e mediações do passado: a experiência brasileira em uma cartografia de revistas de divulgação histórica. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, maio-ago. 2021. p. 1 -12. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/39017/27040> Acesso em 28/04/2023

RECUERDO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERDO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SÁ; Dominichi Miranda; SANGLARD, Gisele; HOCHMAN, Gilberto; KODAMA, Kaori. *Diário da Pandemia: o olhar dos historiadores*. São Paulo/SP: Hucitec Editora. 2020.

SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE (SciELO). Critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil. São Paulo: SciELO, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/HNvPmkhhgkm6Snghmn6Xmkq> Acesso em 16 jan. 2024.

SILVA, Bruna. *Associações De Historiadores No Brasil: A SBPH entre lugares, normas e grupos (1961-2005)*. 2019. 293f. Tese (Doutorado em História). Unioeste, Marechal Rondon/PR. 2019.

SILVA, Sabrina Maria Barbosa Quintiliano e; CORDEIRO, Tenório Cordeiro. "Seguindo!" Marketing digital, Instagram e consumo. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, v. 8, n. 2, 1 ago. 2020. p. 153-164

SILVEIRA, Mariana de Moraes. Editorial: Periódicos e redes sociais: Desafios e possibilidades. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 38, n. 78, set/dez 2022. p. 637-642.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS). *O que você precisa saber sobre o SUS e a Covid-19*. Informatiza UFFS. Chapecó/SC, 2020 Disponível em <https://www.uffs.edu.br/campi/chapeco/noticias/arquivos-das-noticias/portfolio-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-sus-e-a-covid-19/@@download/file> Acesso em 16 jan. 2024.

VALENTIM, Ana Paula Simonaci; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill Orrico; SILVA, Eliezer Pires da. Memória e discurso de divulgação científica em mídias contemporâneas: Um olhar sobre a Cultura da Convergência. *P2P E INOVAÇÃO*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 88-111, 2021. DOI: 10.21721/p2p.2021v7n2.p88-111. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5638>. Acesso em: 16 jan. 2024.

VERGARA, Moema de Rezende. Contexto e conceitos: história da ciência e "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. *Interciencia*, vol. 33, núm. 5, mayo, 2008, pp. 324-330.